

Hospitais Universitários vivem crise

Quando o parto de Gustavo começou, na noite de sábado, 23 de junho de 2007, sua mãe, Vanessa da Costa da Silva, só torcia para que tudo corresse bem. Até ficou preocupada com o intenso choro do menino ao sair do calor do útero. Mas eram apenas receios de mãe de primeira viagem. O bebê nasceu saudável e a paciente não teve nenhuma complicaçāo.

O que Vanessa nem sequer imaginava é que, por trás do bom atendimento recebido por ela, uma crise de grandes proporções e difícil solução ameaça os 45 hospitais universitários (HUs) brasileiros. Entre eles, o Hospital Universitário de Brasília (HUB), ao qual a jovem de 19 anos comparece desde setembro de 2006, início do pré-natal. Ela também não sabe que o Sistema Único de Saúde (SUS) pagará à instituição ligada à Universidade de Brasília (UnB) apenas R\$ 334,00 pelo parto, normal, incluindo aí custos com medicamentos e internação, entre outros. Num hospital particular, a moradora de Samambaia, que ainda cursa o ensino médio, teria de desembolsar R\$ 3,9 mil.

Os HUs vivem um ciclo pernicioso. Como não têm autonomia para abrir concursos públicos e contratar pessoal permanente, precisam terceirizar vagas para manter o atendimento que garante o aporte de verbas do Sistema Único de Saúde (SUS). Os recursos pagam procedimentos como o parto de Vanessa e também deveriam ser usados para pagar fornecedores. Mas o fato de terem folha terceirizada tão grande obriga os diretores a usá-los na relação trabalhista, incorrendo em dívida estimada em mais de R\$ 400 milhões com fornecedores públicos e privados.

Mesmo nesse quadro caótico, os HUs conseguem ser referência de bom atendimento e são importantes para o SUS. Realizaram mais de 4,8 milhões de consultas

apenas no primeiro semestre de 2006, dado já consolidado pelo Ministério da Educação (MEC), ao qual são vinculados. Dessas consultas, mais de 3,9 milhões foram ambulatoriais e outras 590,3 mil de emergência. Além disso, foram responsáveis, no mesmo período, por 571.538 procedimentos de alta complexidade. Dados de 2003 do Ministério da Saúde (MS) mostram que os HUs respondem por 10,3% do total de leitos do SUS, 11,8% das internações hospitalares, 11,6% do total da produção ambulatorial e 37,6% dos procedimentos complexos. O *UnB Notícias* fez um amplo levantamento sobre a situação atual dos hospitais universitários e aponta os principais problemas para o funcionamento dessas unidades.

No mesmo período em que Vanessa comparecia ao HUB para fazer o pré-natal e era atendida normalmente, a crise dos HUs se desenrolava em outras esferas. O MEC e o MS continuavam em um impasse quanto ao modelo de financiamento, gestão e contratação de recursos humanos. Ambos reconhecem o problema, mas, cada qual em seu papel, empurram a solução um para o outro. No MEC, o diretor de Hospitais Universitários da Secretaria de Educação Superior (Sesu), José Wellington Alves dos Santos, admite que é responsabilidade da pasta suprir o quadro funcional, mas que não há fôlego suficiente para contratar no mesmo ritmo em que a demanda pelos serviços de saúde cresce.

– Isso deveria ser negociado com a Saúde – afirma.

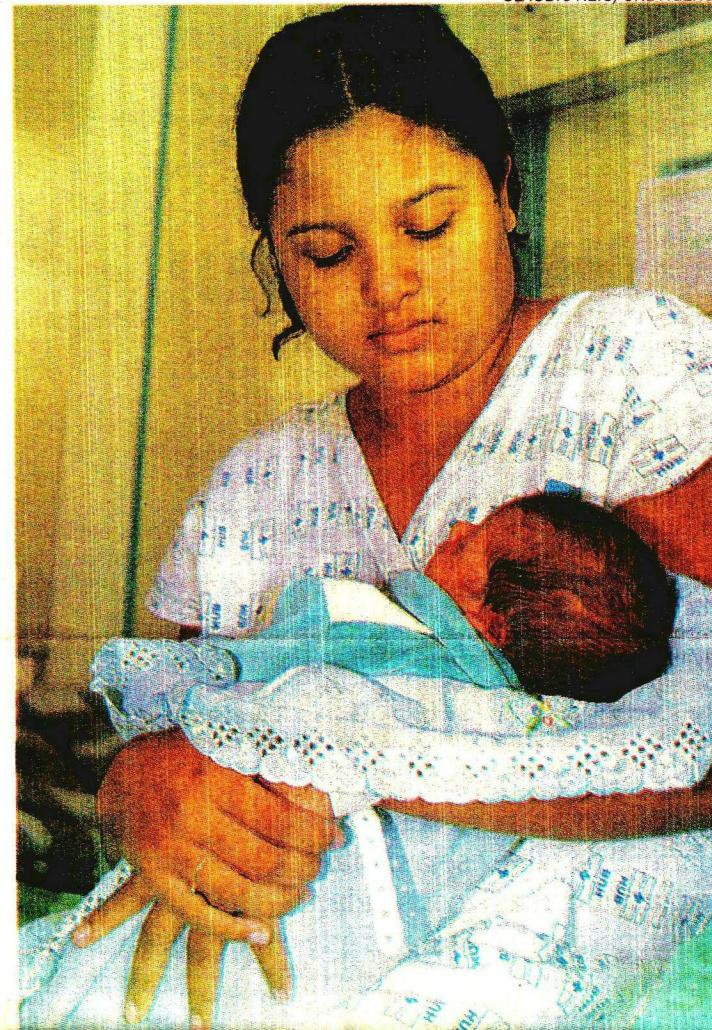
Já o diretor do Departamento de Atenção Especializada (DAE) da Secretaria de Atenção à Saúde (SAS) do MS, Alberto Beltrame, discorda:

– Essa é uma questão que deve ser equacionada pelo Ministério da Educação – assegura.



Hospital Universitário de Brasília (HUB): R\$ 334 por um parto, que custa R\$ 3,9 mil na rede privada

CLÁUDIO REIS/UNB AGÊNCIA



Vanessa da Costa da Silva com o filho, após parto feito no HUB

“Vim para o HUB por indicação de uma prima que havia feito parto aqui. O atendimento é bom e os médicos são atenciosos. Eu indicarei o HUB

Vanessa da Costa da Silva,
paciente do HUB

“Em alguns casos, os arranjos institucionais para viabilizar essas contratações (de pessoal terceirizado) são verdadeiras gambiarras administrativas

Paulo Bernardo, ministro do Planejamento

TCU manda o governo trocar o pessoal terceirizado

O ministro de Planejamento, Paulo Bernardo, revela que os hospitais universitários têm 22 mil servidores terceirizados, contratados por fundações de apoio ou outras modalidades.

– Em alguns casos, os arranjos institucionais para viabilizar essas contratações são verdadeiras gambiarras administrativas – critica.

Os servidores concursados somam 39.673. O ministro admite que o governo já recebeu determinações do Tribunal de Contas da União (TCU) e do Ministério Público Federal (MPF) para regularizar a situação dos HUs.

Uma das unidades que incorre na prática de contratar via fundações de apoio é o Hospital Universitário Polydoro Ernani de São Thiago, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), também um dos poucos do sistema que não tem dívidas com fornecedores. A unidade, no entanto, deve à fundação de apoio da universidade, que efetua os contratos para suprir as vagas abertas por mortes ou aposentadorias de servidores do quadro.

– Contratamos pela fundação para não suspender os serviços e manter o que funciona. Apenas nos últimos dois anos, tivemos 62

aposentadorias – lamenta o diretor do hospital, Carlos Alberto Justo da Silva. A impossibilidade de fazer concursos à medida que as vagas são abertas equivaleria à perda delas, não fosse a contratação terceirizada.

O HU da UFSC atende uma média de 350 mil pessoas por ano (entre exames, internações e ambulatórios), e Silva considera o modelo de gestão atual inadequado para os desafios da assistência.

No HUB, 60% dos recursos do SUS são usados para custear os salários dos terceirizados

– Para que a formação que proporcionamos seja de qualidade, precisamos de autonomia financeira e de reposição do quadro – reivindica.

Outra instituição que adota essa rotina para a recomposição do quadro é o Hospital Universitário Onofre Lopes, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). A unidade tem 40% de sua folha de pagamentos destinados ao pessoal terceirizado.

No HUB, em Brasília, a situação é pior: 60% dos recursos advindos dos pagamentos do SUS são usados para custear os salários do quadro terceirizado. Todos esses hospitais caem em dívidas com seus fornecedores porque são obrigados a pagar pessoal com a verba que deveria ser destinada a cobrir os custos dos procedimentos realizados. Por conta dessa situação, a dívida cresce dentro do sistema.

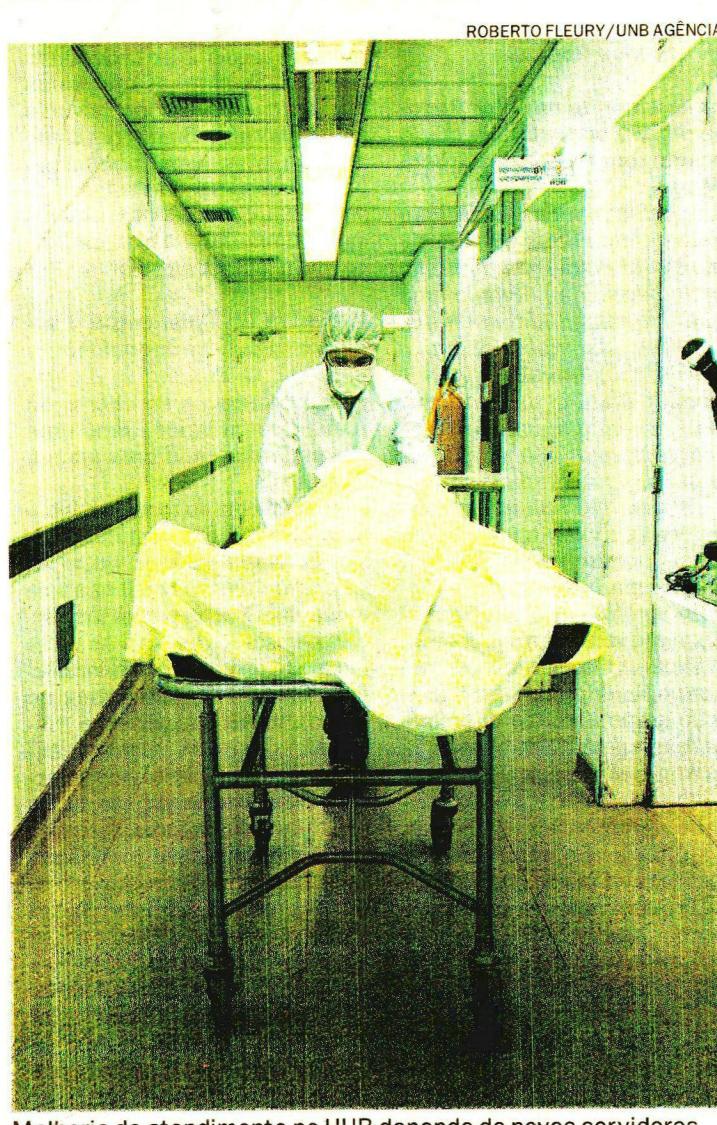
– É preciso mudar esse quadro porque há casos de pessoas que trabalham há 10 ou 12 anos em hospitais universitários e são consideradas irregulares pelo TCU – comenta o ministro Paulo Bernardo.

Ainda assim, não há previsão de abertura de concursos para recompor o quadro dos HUs.

Essa crise toda, no entanto, passou despercebida por Vanessa e o recém-nascido Gustavo, que já voltaram para casa, em Samambaia (a pouco mais de 25 quilômetros do centro de Brasília). A mãe não tem qualquer queixa acerca da qualidade do serviço recebido.

– Vim para o HUB por indicação de uma prima que havia feito parto aqui. O atendimento é bom e os médicos são atenciosos. Eu indicarei o HUB – afirma.

Ela deixou o hospital e a crise para trás, mas o diretor da unidade ainda busca uma saída para tentar equilibrar o pagamento dos 1.043 servidores terceirizados e para diminuir a dívida com fornecedores, que já ultrapassa os R\$ 11 milhões.



Melhoria de atendimento no HUB depende de novos servidores